

MIRANDA, Wander Melo.
Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago.
Belo Horizonte: Editora UFMG/EDUSP, 1992. 174 p.

O limiar do texto de Wander Melo Miranda já traz em si as principais marcas não só temáticas, mas também eurísticas que plasmarão o seu ato crítico: a referência direta, tão 'foucaultiana', à dimensão do corpo e da escrita, onde flutua latente a noção da memória como garantia do sujeito que reúne as duas dimensões, a menção dos dois autores que compõem o *corpus* interpretativo do ensaio: Graciliano e Silviano. *Corpos escritos* oferece em percurso paradigmático dentro da modernidade e da pós-modernidade da escrita brasileira e talvez seja esse o traço que mais atinge (desnor-teia?) um leitor, como no nosso caso, europeu acostumado a manusear outros padrões referenciais e estéticos acerca da idéia de moderno e das suas evoluções posteriores no universo da escrita.

Indubitavelmente, o trabalho crítico desenvolvido no ensaio desvenda - mas, observaríamos, ao mesmo tempo pratica - um elemento peculiar da modernidade cultural brasileira: a autofagia do corpo textual, a noção da cópia não como tautologia do original, mas como ato (re)criador que se constrói a partir da diferença. Nessa

prática de devoração textual que possui, no gesto da síntese, um poderoso instrumento contemporaneamente de leitura e de escrita, o romance-ensaio de Silviano Santiago, *Em liberdade* (1981) ocupa um lugar central e de mediação entre *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos (1953) e a monografia de Wander Melo Miranda que sai no centenário do nascimento do autor. O crítico e escritor mineiro elabora o diário fictício que Graciliano Ramos teria escrito quando saiu da prisão, em 1937, configurando-se assim como uma verdadeira continuação, onde tudo é verídico e ao mesmo tempo tudo é ficcional, da narrativa autobiográfica de Graciliano. Mas há também outras razões que tornam o texto de Silviano uma obra decisiva em termos cognitivos para compreender o contexto histórico-cultural contemporâneo à sua saída e justificam a produtividade da sua leitura em comparação com um clássico qual é Graciliano. Como não passou despercebido (Flora Süssekind) de fato, *Em Liberdade* representa uma significativa epítome crítica da produção literária do final da década de 70 e do começo dos anos 80 dominados por experiências narrativas do gênero político-memorialístico, que, ao afastar-se das estilizações/cárce-res do "eu", historiciza o modelo literário de que faz experiência; a esse respeito observa Wander Melo Miranda que as *Memórias do*

Cárcere são lidas por *Em Liberdade* num jogo intertextual que descarta, dadas as características de ambas as obras, a ingenuidade e o imediatismo que comprometem a plena realização artística e a efetiva ressonância política da grande maioria de textos similares no âmbito da literatura brasileira (p.19).

O que se questiona portanto nessa reterritorialização do fazer narrativo é justamente a própria existência de uma linha fronteiriça detectável que demarque no plano narrativo memória e ficção e como pelo contrário, da conjugação das duas práticas de escrita, autobiográfica e romanesca, possa derivar a verdadeira salvação do passado e da experiência. Essa preocupação benjaminiana com a autotrofia da capacidade de transmitir experiência na literatura atual é aprofundada em *Corpos Escritos*, aproveitando uma atenta análise filológica das formas com que o tecido memorialístico reveste o corpo textual até confundir-se com ele. Para substanciar a hipótese de trabalho, Wander Melo Miranda mobiliza todos os recursos oferecidos pela crítica autobiográfica, para debruçar-se em seguida sobre a reconstrução da multiplicidade de facetas assumidas pelo "eu", tanto na obra de Graciliano, quanto na de Silviano, evidenciando a relação absolutamente não pacífica ou transparente entre experiência empírica e sua realização formal enquanto produto textual, que remete logo para o complexo

emaranhamento desfigurador do projeto literário.

O caminho leva progressivamente para o ponto de cruzamento dos textos, representado por *Em Liberdade*, que absorve as *Memórias* de Graciliano no seu intertexto, dialogando como ele num exercício constante de aproximação e afastamento. O sistema de relações que se estabelece entre as duas obras que expressam outros tantos momentos típicos da história brasileira é modelizado por Wander Melo Miranda nos seus diferentes níveis mediante o recurso à noção de tradução. A operação tradutora que subjaz à textura da obra de Silviano decorre da idéia de que a literatura no seu conjunto, por suas tensões intertextuais implícitas, representa um processo permanente de tradução, noção essa que deve ser entendida numa acepção mais extensiva não como reprodução do idêntico, mas como repetição diferenciada que questiona a natureza própria da oposição formal entre cópia e original: ou mais precisamente, no dizer do autor do ensaio, ao considerar a relação de reciprocidade mantida por *Memórias do Cárcere* e *Em Liberdade*, é cabível considerar ambas as obras como repetição diferenciada de um projeto literário similar, empresa semelhante, embora não idêntica, à tentada por Menard, de Borges (p.94).

Dentro dessa perspectiva, a própria rememoração do vivido, ou melhor, seu próprio

texto, operando de acordo com o modelo definido de tradução diferenciada, se demonstra assim particularmente produtiva em representar os mecanismos recônditos do pacto autobiográfico, onde a divergência temporal entre vivência e narração, que inviabiliza qualquer tentativa de decalque, remete logo para a narrativização dos dados da experiência. A rearticulação do passado por efeito da operação tradutora, a reflexão que esse processo desencadeia acerca dele, confere ao projeto literário uma outra vantagem decisiva: a de abri-lo para os outros como "lugar de reflexão" do próprio passado, ao mesmo tempo que ele se manifesta como lugar de reflexão do seu próprio fazer enquanto fazer textual (p.118).

O corte epistemológico do ensaio de Wander Melo Miranda, proporcionado pelo extraordinário manancial de temas teóricos, estéticos, políticos, que decorre da conjugação intertextual das obras de Graciliano e Silviano, se aprofunda ainda mais questionando os mecanismos próprios de construção do discurso histórico, revisados através dos elementos de desconstrução do discurso literário. A simbolização da experiência e do passado através do corpo como metáfora da história e do todo social que os dois escritores realizam, conferindo a palavra viva e marcante, torna transitiva a experiência singular do relato autobiográfico que possibilita, na aliança aparentemente paradoxal com a

ficção e seus elementos estruturais, uma escrita da história plural, onde auto-reconhecer-se coletivamente. Se incorpora assim no tempo estético do texto literário o ato "destrutivo-criativo" de salvar o passado enquanto tempo atual como Graciliano faz nas *Memórias do Cárcere*, movimento esse que Silviano amplifica no seu romance-ensaio que, problematizando não só o tema da própria forma da obra, a transforma em matriz ativa e aberta de novas experiências para os outros/leitores (p.136).

Por esses caminhos, Wander Melo Miranda constrói um ensaio onde os textos literários de Graciliano e Silviano, meticulosamente desmontados e estudados, se tornam pre-textos para uma pluralidade de implicações e inquietações, que apontam a crítica, à maneira da literatura que ela própria analisa, como espaço privilegiado de reflexão e de exegese do mundo.

Roberto Vecchi

LIMA, Délcio Monteiro de.
Os sobrinhos de Judas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. 184 p.

Trinta dinheiros. Por eles o apóstolo Judas vendeu o Cristo aos fariseus. Arrependido da transação comercial mais repugnante que a cristandade conheceu, desesperado por ter traído o divino Mestre, o Iscariote enforcou-se. A imagem de